

## TRADUTORES, INTÉRPRETES E GUIAS-INTÉRPRETES SURDOS: PRÁTICA PROFISSIONAL E COMPETÊNCIA

Deaf translators, interpreters and deafblind interpreters: professional practice and competences

**Carlos Henrique Rodrigues<sup>1</sup>**  
**João Gabriel Duarte Ferreira<sup>2</sup>**

### RESUMO

Neste artigo, considerando a emergência e a consolidação da tradução, da interpretação e da guia-interpretação de línguas de sinais de autoria surda, apresentamos uma discussão sobre algumas características dessas distintas atividades. Para tanto, partimos das noções de modalidade de língua e modalidade de uso da língua aplicadas à categorização da tradução e da interpretação para definirmos algumas das possíveis

### ABSTRACT

Considering the emergence and consolidation of Deaf sign language translation, interpreting, and deafblind interpreting, we discuss some of the characteristics regarding these different tasks. To do so, we first present the concepts of language modality and of language use modality, both applied to the classification of

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis; carlos.rodrigues@ufsc.br.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis; dferreira.joaogabriel@gmail.com.

atividades desempenhadas pelos profissionais surdos dos serviços de tradução, de interpretação e de guia-interpretação. Por fim, mencionamos brevemente a competência requerida de tais profissionais nas distintas atividades intermodais e intramodais gestuais visuais que realizam. Concluímos que a modalidade gestual visual das línguas de sinais, com seus efeitos e não efeitos sobre a tradução, a interpretação e a guia-interpretação, precisa ser vista como uma temática transversal, norteadora e indispensável à formação dos tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos e ouvintes que atuam de/entre/para línguas de sinais.

translation and interpreting in order to define some of the possible activities performed by the Deaf professionals working in translation, interpreting and deafblind interpreting services. Then, we briefly mention the competence these professionals need to have when performing in different intermodal and visual-gestural intramodal tasks. We conclude that the visual-gestural modality of sign languages, with their effects and not effects on translation, interpreting and deafblind interpreting, needs to be seen as a transversal, guiding and essential issue to the training of Deaf translators, interpreters and deafblind interpreters who work from/between/into sign languages.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Tradutores surdos; Intérpretes surdos; Guias-intérpretes; Competências.

#### **KEYWORDS**

Deaf translators; Deaf interpreters; Deafblind interpreters; Competences.

## **Introdução**

A tradução e a interpretação de/entre/para línguas de sinais têm ganhado considerável visibilidade nas últimas *décadas*. Além disso, os intérpretes surdos têm conquistado cada vez mais espaço na mídia televisiva, na internet, nos eventos internacionais, atuando na interpretação de conferências e em diversos âmbitos intrassociais — inclusive junto aos intérpretes ouvintes — na promoção do acesso das comunidades surdas aos provedores de serviços de Saúde, Justiça e Educação, por exemplo. Podemos citar também os muitos trabalhos de tradução para a língua de sinais que circulam socialmente, os quais foram em sua íntegra produzidos por surdos.

Todas essas transformações resultam de diversos fatores históricos, sociais e políticos, os quais têm sustentado a construção de um novo processo educacional de surdos, permitindo que eles avancem em relação ao reconhecimento e à concretização de seus direitos linguísticos (RODRIGUES, BEER, 2016; BEER, 2016). Deste modo, os surdos deixam de ser apenas os alvos das políticas sociais, educacionais e linguísticas para se tornar partes fundamentais de sua idealização e realização. Essa nova dinâmica social traz à tona uma série de demandas acadêmicas e formativas, assim como novas temáticas e âmbitos de reflexão e investigação. Dentre essas temáticas, destaca-se a atuação de surdos nos serviços de tradução, de interpretação e de guia-interpretação. A presença de profissionais surdos nas equipes de interpretação (que atuam em grandes eventos e nos mais diversos âmbitos comunitários) e de tradução (de materiais didáticos, obras literárias, livros etc.) precisa ser mais bem descrita, analisada e compreendida.

Considerando a emergência e a consolidação da tradução e da interpretação de línguas de sinais de autoria surda na atualidade, apresentamos, neste texto, uma reflexão sobre alguns aspectos principais que surgem com essa atividade específica, tais como as características dessa atuação (modalidade de língua, modalidade de uso da língua, modalidades de tradução, modalidades de interpretação, tradução para língua de sinais em vídeo, guia-interpretação, direcionalidade etc.) e os conhecimentos, as habilidades e as atitudes requeridas desses profissionais surdos (a competência tradutória e/ou interpretativa intermodal e intramodal gestual visual etc.).

### **1. Tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos: uma atuação crescente?**

Segundo o site *Ethnologue*<sup>3</sup>, existem pelo menos 144 línguas de sinais reconhecidas mundialmente. Esses dados nos permitem considerar a relevância da ampliação dos contatos interlinguísticos entre os surdos falantes de diferentes línguas de sinais, os quais, muitas vezes, demandam a atuação de intérpretes intramodais gestuais visuais (i.e., aqueles que atuam entre duas línguas gestuais<sup>4</sup>),

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/subgroups/sign-language>>.

<sup>4</sup> Neste texto, utilizaremos as expressões *língua gestual* e *língua vocal* como referência, respectivamente, às línguas de modalidade gestual visual e às de modalidade vocal auditiva. Nesse sentido, língua oral será empregado como referência à língua em uso e *língua escrita* como aquela registrada em um suporte específico, por meio de um sistema de escrita.

assim como entre surdos sinalizantes e ouvintes não sinalizantes, os quais demandam a atuação de intérpretes intermodais (i.e., aqueles que atuam entre uma língua gestual e outra vocal). Para Ferreira (2019, p. 37), embora o uso do termo *intérprete surdo* “esteja ganhando mais visibilidade recentemente, a atuação dos intérpretes surdos não é tão recente e tem sido essencial à interação entre comunidades surdas e ouvintes, assim como entre diferentes comunidades surdas sinalizantes de distintas línguas de sinais”.

É possível observar internacionalmente o crescimento dessas demandas interpretativas intermodal e intramodal, principalmente, em contextos de conferências. Os eventos que reúnem surdos falantes de diferentes línguas de sinais têm requerido, cada vez mais, a atuação de intérpretes surdos, os quais realizam, principalmente, a *interpretação interlingual intramodal gestual visual*, assim como entre uma língua de sinais e o sistema de Sinais Internacionais (SI)<sup>5</sup>.

Para além das demandas interpretativas intramodais, é importante destacar a atuação de intérpretes surdos de modo intermodal. Essa atuação se realiza, algumas vezes, com base na escrita da língua vocal, a qual é registrada e disponibilizada visualmente, concomitantemente à fala do palestrante, por meio de sistemas de reconhecimento de voz. É interessante notar que a atividade de tradutores e de intérpretes surdos ganha contornos muito singulares com destaque para processos e características não tão comuns à atuação de intérpretes interlinguais intermodais ouvintes como, por exemplo, a atuação em direcionalidade direta (i.e., atuação em direção à primeira língua, ou seja, da língua B para A).

Muitos surdos têm se destacado também em atividades de *interpretação intralingual intramodal* — atuando com base em uma língua de sinais e suas muitas variações e linguagens — e de *guia-interpretação*, modalidade de interpretação singular e em ascensão no contexto brasileiro, que tem marcado presença em diversos eventos, assim como no acesso de pessoas surdocegas aos serviços públicos, principalmente à educação. A guia-interpretação envolve a transliteração e/ou interpretação por meio da utilização de línguas de sinais táteis, das descrições de elementos visuais e, inclusive, dos aspetos gerais de orientação e mobilidade da pessoa surdocega (PETRONIO, 2010).

<sup>5</sup>De acordo com a Federação Mundial de Surdos (*World Federation of the Deaf*), os Sinais Internacionais (SI) são considerados como um sistema de comunicação usado em encontros e eventos internacionais. Não são considerados uma língua.

É relevante mencionar também os trabalhos de tradução realizados por surdos, tanto de modo intermodal quanto intramodal gestual visual, individualmente, em dupla ou em equipe composta somente por surdos ou também com ouvintes. Diversos trabalhos de *tradução de autoria surda* circulam na internet e/ou estão disponíveis em suportes audiovisuais, os quais, na maioria dos casos, têm como língua alvo uma língua de sinais e o público surdo sinalizante como destinatário. Nas palavras de Boudreault (2005),

são muitas possibilidades de interpretação informal na comunidade surda em que alguns membros dessa comunidade possuem inúmeras habilidades para atuar como facilitadores da comunicação. O contexto pode ser a escola de Surdos, o local de trabalho ou quando há o encontro com profissionais ouvintes, tais como advogados, médicos etc. Este processo de IS [interpretação surda] pode envolver vocalização, gesticulação, escrita ou o uso de outras línguas de sinais. (BOUDREAUULT, 2005, p. 324 apud FERREIRA, 2019, p. 36).

A consolidação dessa atuação tem demandado dos surdos formação em tradução e em interpretação e, portanto, profissionalização. Além disso, tem requerido uma linha específica de investigação no âmbito dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), a qual precisa considerar tanto a tradução e a interpretação de autoria surda quanto os demais aspectos contextuais, operacionais e, até mesmo, cognitivos que envolvem a atuação de surdos sinalizantes em processos tradutórios e interpretativos intermodais e intramodais gestuais visuais.

No contexto brasileiro, encontramos evidências da ampliação tanto do número de tradutores e intérpretes surdos quanto de produções tradutórias e de interpretações de autoria surda. Além disso, vemos um movimento significativo dos surdos em prol de formação em tradução e interpretação. Ferreira (2019) aponta que temos mais de uma centena de intérpretes surdos no Brasil certificados pelo ProLibras (Programa Nacional para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras-Língua Portuguesa). Além desses, o autor destaca que existem seis surdos que concluíram cursos de graduação que visam à formação de tradutores e de intérpretes intermodais ouvintes de Libras-Português, os quais são ofertados por universidades federais.

Em relação ao contexto internacional, Ferreira (2019) menciona algumas estimativas sobre o número de tradutores e intérpretes surdos de línguas de sinais. Segundo ele, teríamos: (i) mais de 40 profissionais no Canadá; (ii) mais de

213 nos Estados Unidos; e (iii) entre 190 e 310 na Europa, considerando-se 28 países. Embora estes números sejam baixos, se comparados aos dos totais de intérpretes intermodais ouvintes que atuam de/entre/para línguas de sinais, eles já comprovam a emergência e o crescimento de uma atuação profissional singular que, dia a dia, vem ganhando corpo e contornos antes impensáveis.

Após essa contextualização inicial, é relevante mencionar que o *site* do *Deaf Interpreter Institute*<sup>6</sup>, define que o tradutor, o intérprete e o guia-intérprete surdo é

um especialista que oferece serviços de interpretação, tradução e transliteração em língua de sinais americana [ou qualquer outra língua de sinais] e outras formas de comunicação visual e tátil usadas por indivíduos que são surdos, que têm deficiência auditiva ou que são surdocegos. Como uma pessoa Surda, o intérprete Surdo parte de um conjunto distinto de experiências formativas linguísticas, culturais e de vida que permitem uma compreensão e uma interação variadas em um amplo leque de formas de linguagem e comunicação visuais influenciadas pela região, cultura, idade, alfabetização, educação, classe e saúde física, cognitiva e mental. Essas experiências, em conjunto com a formação profissional [existente apenas fora do Brasil] dão ao intérprete Surdo a capacidade de realizar uma comunicação bem-sucedida em todos os tipos de interações com interpretação, tanto comuns quanto de alto risco [...]. (DEAF INTERPRETER INSTITUTE, 2018, tradução de FERREIRA, 2019, p. 37).

De modo geral, podemos categorizar a atuação dos tradutores, intérpretes e guia-intérpretes surdos como uma atuação especializada, que demanda um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes capazes de caracterizar sua atividade como específica, singularizando-os em relação aos demais surdos bilíngues não tradutores. Nesse sentido, podemos afirmar que a tradução e a interpretação interlinguísticas intermodais e intramodais gestuais visuais, inclusive a guia-intérpretação, demandam um *saber-agir* particularizado. É importante mencionar também que esse *saber-agir* se singulariza conforme a atividade tradutória e suas modalidades, distinguindo-se mediante as demandas linguísticas, textuais, comunicativas e situacionais, por exemplo.

## 2. Diferentes campos de atuação intermodal e intramodal gestual visual

É indispensável apresentar a distinção entre os processos tradutórios e os interpretativos envolvendo línguas de sinais, como fizeram Rodrigues (2018a) e

<sup>6</sup>Disponível em: <<http://www.diinstitute.org/>>.

Ferreira (2019). Os autores partem da premissa de que esses processos precisam ser estudados e distinguidos para além do binarismo oral *versus* escrito, o qual reduz a compreensão da diferença entre a tradução e a interpretação em relação à modalidade do texto fonte ou do alvo (i.e., oral ou escrito). Assim, se textos escritos forem submetidos a um processo de translação, teríamos uma tradução, e se esses textos forem orais — não importa se vocais ou gestuais — teríamos uma interpretação.

Afastando-se do reducionismo presente nessa dicotomia, Rodrigues (2018a) aborda alguns aspectos básicos a serem considerados na compreensão da distinção entre a tradução e a interpretação, a saber: (1) *o tipo do texto* (i.e., completo e registrado ou em fluxo e transitório); (2) *o modo de produção ou realização da atividade* (i.e., anterior e sem contato com o público/menos dependente do contexto situacional ou imediato e diante do público/mais dependente do contexto situacional); (3) *as fases inerentes ao processo* (i.e., orientação, produção e revisão ou orientação prévia e produção com revisão); e (4) *o caráter do produto final* (i.e., duradouro e necessariamente registrado ou efêmero, sem necessidade de registro).

Considerando esses aspectos distintivos, podemos afirmar que a *tradução* é um processo em que o tradutor lida com o texto fonte devidamente registrado em dado suporte físico ou virtual, podendo trabalhar no texto registrado sem a necessidade de contato direto com seu autor ou com os destinatários de sua tradução. Nesse sentido, o produto de sua atividade é necessariamente registrado, sendo revisto e aperfeiçoado com o intuito de ter potencializada sua durabilidade textual, garantindo que possa ser, posteriormente, recebido pelo público final (RODRIGUES, 2018a; RODRIGUES, SANTOS, 2018; FERREIRA, 2019).

Por outro lado, a *interpretação* compreende um processo de “tradução oral” em que o intérprete precisa lidar com o discurso em seu fluxo de construção e, conseqüentemente, trabalhar, na maioria dos casos, em contato direto e imediato com o autor do texto fonte e com o destinatário de sua interpretação. Nesse sentido, o produto de sua atuação profissional efetiva-se no “aqui e agora” e, por isso, o público vai acessando a interpretação à medida que ela desaparece, já que o registro não é um requisito essencial à sua concretização (RODRIGUES, 2018a; RODRIGUES, SANTOS, 2018; FERREIRA, 2019).

Além de diferenciar os processos tradutórios e os interpretativos, Rodrigues (2018a) apresenta uma categorização em relação à modalidade de língua, isto é, com base nos sistemas físicos e biológicos por meio dos quais as línguas vocais e as línguas gestuais são produzidas, a saber: a modalidade vocal auditiva e a gestual visual. Segundo ele,

[...] considerando a modalidade de língua como um elemento diferenciador dos processos tradutórios, podemos dizer que, no que se refere ao caráter da tradução segundo a modalidade das línguas, temos: (i) tradução e interpretação intermodal (entre línguas de distintas modalidades – uma vocal-auditiva e outra gestual-visual); (ii) tradução e interpretação intramodal (entre línguas de mesma modalidade – entre duas línguas vocais-auditivas ou entre duas línguas gestuais-visuais). (RODRIGUES, 2018a, p. 306, tradução nossa).

Para o autor, temos basicamente duas categorias: os processos *intermodais* e os *intramodais*. Assim, unindo essas categorias fundamentais aos conceitos de tradução e de interpretação, o autor parte das seguintes categorias elementares: (i) a tradução intermodal e a intramodal; e (ii) a interpretação intermodal e a intramodal.

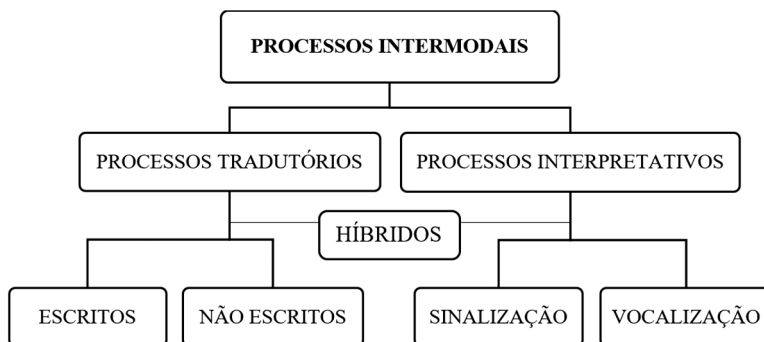
A partir disso, Rodrigues (2018a) propõe que os *processos tradutórios interlinguais intermodais* sejam classificados de acordo com a modalidade de uso da língua do texto alvo: (i) *tradução intermodal escrita* – quando o produto corresponde a um texto na modalidade escrita de uso da língua, por meio de sistemas de escrita de línguas vocais ou de línguas gestuais (ex., *SignWriting*, Elis e SEL); (ii) *tradução intermodal não escrita* – quando o produto é um texto na modalidade oral de uso da língua, o qual é registrado em vídeo e/ou áudio, não envolvendo necessariamente sistemas de escrita; e (iii) *tradução intermodal “híbrida”* – quando há certa mescla de características de tradução e de interpretação –, a qual se aproxima do que se denomina tradução/interpretação à prima vista (i.e., da língua gestual oral imediatamente para a língua vocal escrita ou da língua gestual escrita imediatamente para a língua vocal oral ou ainda da língua vocal escrita imediatamente para a língua gestual oral).

É interessante notar que os processos tradutórios de/para línguas de sinais têm utilizado, para o registro da tradução, o vídeo (i.e., quando o texto alvo será em língua de sinais), ao invés de sistemas de escrita de línguas de sinais, e também o áudio (quando o texto alvo será em uma língua vocal). Segundo Ferreira,



é possível dizer que a tradução envolvendo línguas de sinais pode ter um texto-alvo registrado, basicamente, de três diferentes formas: em escrita, em áudio ou em vídeo; sendo que há uma diferença marcante: no vídeo, o tradutor torna-se necessariamente visível, assim como na interpretação da língua vocal-auditiva para a gestual-visual. (2019, p. 50-51).

No que se refere aos *processos interpretativos interlinguais intermodais*, Rodrigues (2018a) propõe a seguinte classificação, com base na direção do processo interpretativo, no que diz respeito à modalidade de língua do texto alvo: (i) *sinalização* – quando a interpretação se dá de uma língua vocal oral para uma língua gestual oral; e de (ii) *vocalização* – quando a interpretação ocorre de uma língua gestual oral para uma língua vocal oral.



**Figura 1** – Processos Intermodais

Fonte: Ferreira (2019, p. 53) com base em Rodrigues (2018a)

Tomando como ponto de partida essa categorização proposta por Rodrigues (2018a), Ferreira (2019) desenvolve uma classificação para os *processos interlinguais intramodais gestuais visuais*. Segundo ele, a *tradução intramodal gestual visual* pode ser organizada em três categorias, desde que considerada a modalidade de uso da língua do texto alvo. Assim, o autor apresenta: (i) *tradução intramodal escrita* – envolve apenas textos escritos, tanto como texto fonte quanto como texto alvo, cada um deles em uma língua gestual devidamente registrada em um suporte físico ou virtual por meio dos sistemas de escrita de línguas gestuais; (ii) *tradução intramodal não escrita* – possui o texto alvo na modalidade oral de uso da língua gestual, o qual é registrado em vídeo. Assim, embora esse processo possa dispor de um texto fonte em escrita de sinais, ele não conta com esses sistemas de escrita na construção do texto alvo,

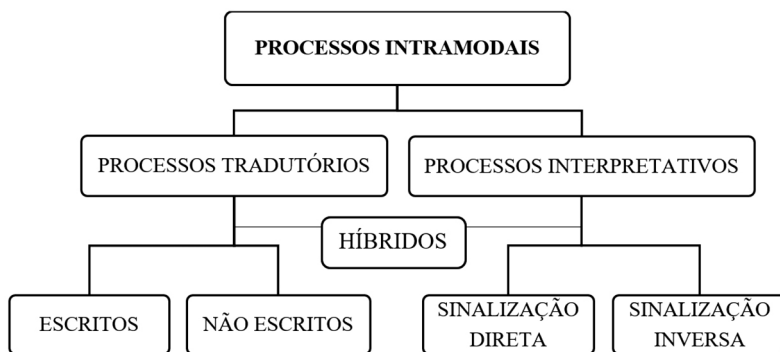
demandando, portanto, meios adequados ao registro da língua gestual oral em vídeo; e (iii) *tradução intramodal “híbrida”* – envolve uma forma híbrida, mesclando características de tradução e de interpretação, aproximando-se da tradução/interpretação à prima vista (i.e., de uma língua gestual oral imediatamente para outra língua gestual escrita ou de uma língua gestual escrita imediatamente para outra língua gestual oral).

Os *processos interlinguais interpretativos intramodais* foram categorizados por Ferreira (2019) com base na direção da interpretação, no que diz respeito à relação do sinalizante com as línguas envolvidas no processo. Ele ressalta que, no Brasil, “se a maioria dos intérpretes intramodais gestuais visuais surdos atua em direção à Libras como sua primeira língua (i.e., na direcionalidade direta), a maioria dos intérpretes intermodais ouvintes atua em direção à Libras como sua segunda língua (i.e., na direcionalidade inversa)” (FERREIRA, 2019, p. 50).

Nessa perspectiva, o autor organiza esses processos em: (i) *sinalização intramodal direta* (i.e., da língua gestual estrangeira para a língua gestual “materna” do sinalizante: L2 para L1, B para A); e (ii) *sinalização intramodal inversa* (i.e., da língua gestual “materna” do sinalizante para a língua de sinais estrangeira: L1 para L2, A para B). Observamos que Ferreira (2019) está considerando apenas os surdos sinalizantes que têm uma língua de sinais como primeira língua ou “língua materna”. Entretanto, podemos propor um aperfeiçoamento de sua categorização da seguinte maneira: a *sinalização intramodal direta* se daria quando o intérprete, surdo ou ouvinte, atua de uma língua de sinais estrangeira para sua língua de sinais nacional<sup>7</sup>; e a *sinalização intramodal inversa*, por sua vez, ocorreria quando o intérprete, surdo ou ouvinte, atua de sua língua de sinais nacional para uma língua de sinais estrangeira.

Essas propostas de categorização, com base nas modalidades das línguas envolvidas nos processos tradutórios e interpretativos nos permitem vislumbrar as muitas possibilidades de atuação de tradutores e de intérpretes intermodais e intramodais gestuais visuais, tanto ouvintes quanto surdos, pelo menos nas seguintes atividades: (i) tradução intermodal; (ii) interpretação

<sup>7</sup>Somos conscientes de que os processos que ocorrem de uma língua B para outra C ou de uma língua C para outra B não são tradução ou interpretação diretas. Entretanto, optamos por essa categorização, ainda que reconhecendo seus limites.



**Figura 2** – Processos Intramodais

Fonte: Ferreira (2019, p. 54)

intermodal; (iii) tradução intramodal gestual-visual; (iv) interpretação intramodal gestual visual; (v) guia-interpretação intermodal; e (vi) guia-interpretação intramodal gestual visual.

Em relação à guia-interpretação para surdocegos, pode-se considerar que há um processo específico que envolve a recepção **tátil** das línguas gestuais, aspecto relacionado à modalidade de uso das línguas. Vale esclarecer que, embora as línguas gestuais sejam de modalidade gestual visual, a *língua de sinais tátil* não depende de recepção visual, ao contrário, sua recepção ocorre por meio do tato. Assim sendo, é plausível pensar em uma aproximação da tradução e da interpretação de/para línguas de sinais táteis tanto aos processos intermodais (i.e., envolvendo uma **língua de** modalidade vocal auditiva) quanto aos intramodais (i.e., envolvendo apenas línguas de modalidade gestual visual).

Além disso, é relevante mencionar que a guia-interpretação pode ocorrer de modo *intra*lingual intramodal em que a interpretação se dá de uma língua de sinais oral para a língua de sinais oral-tátil como, por exemplo, da Libras para a Libras Tátil. Do mesmo modo, é comum a *interpretação intra*lingual intramodal de autoria surda, na qual o intérprete transforma e adapta a língua gestual nacional para determinadas linguagens e/ou variações específicas relacionadas aos regionalismos, às diferenças geracionais, aos sistemas gestuais simplificados, às linguagens mais visuais e transparentes, e vice-versa.

Por fim, podemos afirmar que a *tradução e a interpretação de autoria surda* envolve uma multiplicidade de atividades, tais como: (i) tradução de

textos escritos em uma língua vocal para uma língua gestual oral em vídeo; (ii) legendagem de vídeos que estão em uma língua gestual; (iii) tradução de textos em língua vocal escrita para a escrita de uma língua gestual e vice-versa; (iv) interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral; (v) interpretação de língua vocal oral para a língua gestual oral e vice-versa; (vi) interpretação de uma língua gestual estrangeira para a língua gestual nacional e vice-versa; (vii) interpretação de/para o Sistema de Sinais Internacional; (viii) interpretação intralingual da língua gestual nacional para variações regionais, sistemas caseiros de sinais, formas mais simplificadas, sistemas gestuais mais transparentes e vice-versa; e (ix) guia-interpretação a partir de uma língua gestual (i.e., de caráter intralingual intramodal ou interlingual intramodal) ou de uma língua vocal (i.e., de caráter interlingual intermodal), entre outras.

### **3. A competência requerida dos tradutores, intérpretes e guias intérpretes surdos**

As múltiplas e multifacetadas atividades translativas desempenhadas pelos tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos demandam um conjunto integrado de conhecimentos, habilidades, capacidades, destrezas, atitudes e valores. Esse *saber-agir* especializado é responsável por distinguir os tradutores, intérpretes e guias-intérpretes, nesse caso surdos, dos demais falantes bilíngues não profissionais, como vem sendo defendido por pesquisadores dos Estudos da Tradução, tais como Schäffner e Adab (2000), Hurtado Albir (2005, 2016), Gonçalves (2005, 2008) e Rodrigues (2018b).

Embora existam distintos modelos de competência tradutória, eles são, em sua maioria, construídos a partir de reflexões que consideram apenas os processos *tradutórios interlinguais intramodais vocais auditivos*, ignorando a especificidade da *tradução intralingual vocal auditiva* e da *interpretação interlingual intramodal vocal auditiva*, assim como da *tradução* e da *interpretação intermodais e intramodais gestuais visuais*. Nesse sentido, é indispensável destacar o fato de que a tradução e a interpretação de/para línguas de sinais “deixa de ser somente ‘interlinguística’ para se tornar ‘intermodal’” (RODRIGUES, 2018b, p. 311) e a tradução e interpretação entre línguas de sinais, embora intramodais, ocorrem majoritariamente de modo interlingual. Como afirma Rodrigues (2018b),

a modalidade gestual-visual, ao ter efeitos sobre a língua de sinais, afeta necessariamente os processos tradutórios e interpretativos intermodais e, também, intramodais gestuais-visuais, ao requerer certa capacidade corporal cinestésica atrelada à competência linguística e à comunicativa. (RODRIGUES, 2018b, p. 311).

Com base em Rodrigues (2018b) e em Ferreira (2019), pode-se depreender que a(s) competência(s) específica(s) requerida(s) dos tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos depende(m) da singularidade da atividade que realizam. Assim, teríamos: (i) *competência tradutória interlingual intermodal* – quando a tradução envolve línguas de diferentes modalidades, uma vocal e outra gestual (ou o Sistema de Sinais Internacionais), devidamente registradas em escrita, áudio e/ou vídeo; (ii) *competência interpretativa interlingual intermodal* – quando a interpretação envolve uma língua vocal e outra gestual (ou o Sistema de Sinais Internacionais), ambas em seu uso oral; (iii) *competência interpretativa intralingual intramodal* – quando a interpretação é realizada com base na mesma língua gestual envolvendo suas variações regionais, geracionais etc.; (iv) *competência interpretativa interlingual intramodal* – quando a interpretação envolve duas línguas gestuais (ou o Sistema de Sinais Internacionais), ambas em seu uso oral; (v) *competência interpretativa interlingual intramodal tátil* – quando demanda a atuação entre duas diferentes línguas gestuais, estando uma delas na modalidade oral de uso da língua e a outra na modalidade oral-tátil; e (vi) *competência interpretativa intralingual intramodal tátil* – quando envolve a atuação em uma mesma língua gestual, entre seus modos oral e oral-tátil.

Considerando essa breve reflexão e categorização, pode-se afirmar que a tradução, a interpretação e a guia-interpretação de/entre/para línguas de sinais evidenciam,

o impacto da modalidade de língua sobre a competência do tradutor, destacando, no mínimo, algum traço ou componente distintivo relacionado às *habilidades corporais motoras de codificação integrada de propriedades gestuais e espaciais e, também, às habilidades visuais de interpretação do conjunto de informações gestual e espacialmente codificadas, as quais se vinculam a uma determinada capacidade corporal cinestésica diretamente ligada à competência linguística e à competência comunicativa.* (RODRIGUES, 2018b, p. 311-312, grifos no original).

Nesse sentido, podemos inferir que a competência requerida dos tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos seria afetada pela modalida-

de das línguas envolvidas no processo de tradução, de interpretação ou de guia-interpretação. Entretanto, além dos impactos da modalidade de língua, no caso da gestual visual, a modalidade de uso das línguas (oral ou escrita); o tipo de tradução (jurídica, técnica, literária publicitária etc.) ou de interpretação (de conferências, comunitária, educacional etc.); a modalidade de tradução (escrita, legendagem, audiovisual, à prima vista etc.) ou de interpretação (simultânea, consecutiva, intermitente, sussurrada etc.); a direcionalidade do processo (direta, da língua B para a A, ou inversa, da língua A para a B); a combinação linguística (línguas mais próximas e mais distantes, de mesma modalidade ou de modalidades distintas etc.); o grau de experiência do tradutor, intérprete e/ou guia-intérprete; os aspectos operacionais e situacionais do encargo; o assunto a ser traduzido, interpretado ou guia-interpretado e sua complexidade, entre outros; também trarão implicações significativas à competência demandada desses profissionais surdos.

Uma questão relevante da atuação de *intérpretes surdos intramodais gestuais visuais* em conferências que envolvem diferentes línguas de sinais foi relatada por Ferreira (2019). Segundo ele, na interpretação de conferências

os intérpretes intermodais (quando o texto alvo é em língua de sinais) e os intramodais gestuais-visuais ficam ao lado do orador, diante do público que recebe a interpretação por meio da visão. No caso dos intérpretes intermodais, o “intérprete de apoio” fica sentado à sua frente em meio ao público, e, no caso dos intramodais gestuais-visuais, o “intérprete de apoio”, embora também fique à sua frente, junto ao público, pode estar ao lado de outro intérprete que também oferece “apoio” ao acesso do intérprete intramodal surdo, que está no palco, ao texto fonte em língua de sinais que o palestrante está produzindo ao seu lado. Assim temos que na interpretação intramodal gestual-visual realizada por surdos há uma singularidade, já que podemos ter um segundo “intérprete de apoio” que pode: (i) apenas estar reproduzindo o que o orador está sinalizando, sem traduzir, para que o intérprete que está no palco possa receber o texto fonte e fazer a tradução (nesse caso ele está fazendo um espelhamento que pode envolver certa interpretação intralingual); ou (ii) interpretar o que o orador está sinalizando, oferecendo o texto já na língua alvo, para que o intérprete que está no palco possa receber o texto alvo e reproduzi-lo para o público, sem ter que traduzir (nesse caso ele está fazendo uma interpretação interlingual). (FERREIRA, 2019, p. 110).

Considerando essa complexidade inerente à interpretação simultânea intramodal gestual visual de autoria surda, Ferreira (2019), com base no Modelo

de Esforços (GILE, 1995, 2015, 2018) e em sua aplicação à Interpretação Simultânea Intermodal para a Língua de Sinais (POINTURIER-POURNIN, 2014), propõe que, além dos esforços de autogestão do espaço (AGE) e de interação em tempo real com os surdos (ICS), acrescidos por Pointurier-Pournin (2014), sejam incluídos o esforço de visão e análise (V) (no lugar de esforço de audição e análise – A), o esforço de autogestão da recepção visual do texto fonte e de informações visuais (ARV) e o esforço de interação em tempo real com o “intérprete de apoio” (ICI). Assim o Modelo de Esforços apresentado em Ferreira (2019) pode ser apresentado por meio da seguinte equação:  $SIM = V + M + P + AGE + ARV + ICS + ICI + C$ <sup>8</sup>.

Com base nessa explanação, temos que a interpretação simultânea intramodal gestual visual de autoria surda demanda habilidades específicas, tanto cognitivas quanto corporais e visuais, para se coordenar o fluxo da interpretação em relação aos papéis assumidos por cada um dos integrantes da equipe e para se administrar a recepção do texto fonte, sua translação e sua disponibilização ao público sinalizante.

Os estudos processuais sobre os encargos assumidos pelos tradutores, intérpretes e guia-intérpretes surdos ainda são incipientes e, portanto, são necessárias novas pesquisas empíricas que visem a investigar: (i) as implicações da autoria surda para a tradução, a interpretação e a guia-interpretação; (ii) as características, as dinâmicas e as especificidades de cada uma das atividades tradutórias e interpretativas desenvolvidas pelos surdos; (iii) as competências requeridas desses profissionais para atuação interlingual, intralingual, intermodal e intramodal gestual visual; (iv) o caráter das competências translativas intermodais e intramodais, no intuito de melhor distingui-las e descrevê-las; e (v) os aspectos singulares da guia-interpretação realizada com base em uma língua vocal em relação àquela realizada com base em uma língua de sinais, entre outros.

<sup>8</sup> Onde temos que a interpretação simultânea (SIM) é igual à soma dos seguintes esforços: (V) esforço de visão e análise, (M) esforço da memória de curto prazo, (P) esforço de produção, (AGE) esforço de autogestão do espaço, (ICS) esforço de interação em tempo real com os surdos, (ARV) esforço de autogestão da recepção visual do texto fonte e de informações visuais, (ICI) esforço de interação em tempo real com o “intérprete de apoio” e (C) esforço de coordenação, ou seja, a necessidade de coordenar e direcionar a atenção entre os demais esforços.

## Considerações finais

A temática discutida neste texto é extremamente relevante à compreensão dos processos de translação envolvendo línguas de modalidade gestual visual. Portanto, as reflexões aqui apresentadas podem favorecer o aperfeiçoamento dos processos formativos de tradutores, intérpretes e guias-intérpretes que atuam de/entre/para línguas de sinais, inclusive dos profissionais surdos, os quais ainda não possuem, no contexto brasileiro, formação destinada a eles.

As propostas de categorização dos processos intermodais e intramodais envolvendo línguas de sinais trazem à tona uma diversidade de possibilidades de atuação profissional, tanto aos ouvintes quanto aos surdos, ao mesmo tempo em que destacam a importância de certos conhecimentos, habilidades, capacidades e atitudes específicas para cada encargo de tradução, interpretação e/ou guia-interpretação.

Além disso, é relevante levar em conta que a modalidade gestual visual das línguas de sinais, com seus efeitos e não efeitos sobre a tradução, a interpretação e a guia-interpretação, precisa ser vista como uma temática transversal, norteadora e indispensável à formação dos tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos e ouvintes que atuam de/entre/para línguas de sinais.

## REFERÊNCIAS

- BEER, H. *Direitos linguísticos como direitos fundamentais: as políticas linguísticas para as comunidades surdas no ordenamento jurídico brasileiro*. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2016.
- BOUDREAULT, P. Deaf Interpreters. JANZEN, T. (Ed.). *Topics in signed language interpreting*. Amsterdam: Benjamins. 2005, p. 323-356.
- FERREIRA, J. G. D. *Os intérpretes Surdos e o processo interpretativo interlíngua intramodal gestual-visual da ASL para Libras*. 135 f. 2019. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Estudos da Tradução) – Florianópolis, UFSC.
- GILE, D. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GILE, D. *The effort models and gravitational model: Clarifications and update* [Powerpoint]. 2018. Disponível em: <<https://www.cirinandgile.com/powerpoint/The-Effort-Models-and-Gravitational-Model-Clarifications-and-update.pdf>>.



GILE, D. Testando a hipótese da “corda bamba” do modelo dos esforços na interpretação simultânea: uma contribuição. Trad. Santos, G. B. F., e BARBOSA, D. M. *Cadernos de Tradução*, v. 35, n. 2, p. 590-647, 2015.

GONÇALVES, J. L. V. R. O desenvolvimento da competência do tradutor: em busca de parâmetros cognitivos. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (Eds.) *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 59-90. 2005.

GONÇALVES, J. L. V. R. Rediscutindo o conceito de competência de uma perspectiva relevantista. In: CAMPOS, J.; RAUEN, F. J. (Orgs.). *Tópicos em Teoria da Relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 122-142. 2008.

HURTADO ALBIR, A. Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.19-58. 2005.

HURTADO ALBIR, A. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. Madrid: Cátedra, 2016.

PETRONIO, K. Deaf-Blind Interpreting: Building on What You Already Know. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2 n. 26, p. 237-273, out. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-968.2010v2n26p237>>.

POINTURIER-POURNIN, S. *L'interprétation en Langue des Signes Française: contraintes, tactiques, efforts*. Tese de Doutorado. Université de la Sorbonne nouvelle Paris III. 2014.

RODRIGUES, C. H. Translation and Signed language: highlighting the visual-gestural modality. *Cadernos de Tradução*, v. 38, n. 2, p. 294-319. 2018a.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, n. 1, p. 287-318. 2018b.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Direitos, políticas e línguas: divergências e convergências na/da/ para educação de surdos. *Educação e Realidade*, v. 41, p. 661-680. 2016.

RODRIGUES, C. H.; SANTOS, S. A. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. *Tradução em Revista*, v. 24, p. 2. 2018.

SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. *Developing Translation Competence*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2000. LEITE, T. *O ensino de segunda língua com foco no professor: história oral de professores surdos de LSB*. Dissertação de Mestrado/USP, 2004.

PERLIN, G. Surdos: cultura e pedagogia. In THOMA, A.; LOPES, Maura Corcini (Orgs). *A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos*. EDUNISC: Santa Cruz do Sul. 2006.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora. 2004.

QUADROS, R.; SCHMIEDT, M. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

ROA, M. C. I. *Ensino de LIBRAS como segunda língua para crianças ouvintes: fator possível de inclusão social*. Dissertação de Mestrado/USP, 2012.